A Terra ~~Prometida~~ Desacreditada

Um paradigma não é uma profecia

Lembro-me de um tempo em que os shows e as apresentações de *stand-up comedy* estavam ganhando força no Brasil. Naquela época, os próprios comediantes começaram a fazer uma espécie de autocrítica sobre seus textos.

Era comum que muitos deles construíssem suas apresentações a partir de uma mesma fórmula: "Eu não entendo isso", "Eu não entendo aquilo", e, a partir daí, explorassem determinado assunto de maneira cômica, trazendo à luz aquilo que não compreendiam ou que simplesmente detestavam.

Embora, num primeiro momento, esses textos fossem muito impactantes e engraçados, com o tempo — e, principalmente, com a repetição excessiva da fórmula — acabaram perdendo a graça. Muitos humoristas perceberam isso e fizeram essa autocrítica. O *stand-up* brasileiro, felizmente, amadureceu. As pessoas continuam consumindo muito esse tipo de humor, o que demonstra que nossos humoristas têm qualidade e que o Brasil é um terreno fértil para que esse gênero continue crescendo.

Com isso em mente, não gostaria de cometer o mesmo erro neste texto. Não quero emitir uma opinião que todos estão cansados de ouvir e acham "sem graça" a ponto de não refletirem sobre! Quero começar com uma hipérbole: eu odeio! Mas entendam bem o que quero dizer quando digo "eu odeio". Trata-se de uma hipérbole e deve ser entendida como tal: Eu odeio que política seja misturada com religião e que religião se misture com política. Ou, melhor dizendo, não gosto quando religião e política estão amalgamadas de maneira simplista e temerária.

Acredito, sim, que, como cidadãos e religiosos, devemos e podemos demonstrar nossa fé por meio de nossas atitudes sociais. Nesse sentido, acredito que religião e política inevitavelmente se encontram em algum grau. Ao mesmo tempo, acredito que o púlpito da igreja não é palanque político. Gosto de usar a definição de Kevin DeYoung e Greg Gilbert para esclarecer a missão da Igreja:

> *"A missão da igreja é ir ao mundo e fazer discípulos, proclamando o evangelho de Jesus Cristo, no poder do Espírito, e reunindo esses discípulos em igrejas, para que eles adorem o Senhor e obedeçam aos seus mandamentos, agora e na eternidade, para a glória de Deus, o Pai."*[1]

É nesse sentido que quero fazer uma analogia entre uma história bíblica e o momento atual, entendendo essa história como um paradigma para a nossa situação. E quero também estabelecer claramente onde essa história bíblica se assemelha ao nosso tempo e, sobretudo, quais são os limites dessa comparação.

Em primeiro lugar, acredito que posso (e até devo) fazer isso porque, como cristão, minhas referências também são as histórias bíblicas. Por exemplo, quando vejo alguém se fazendo de desentendido, não há como eu, que tive uma criação cristã e estou familiarizado

---

[1] DEYOUNG, Kevin. GILBERT, Greg. Qual a missão da Igreja?. entendendo a justiça social e a grande comissão. - São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2012. p.64

com as histórias bíblicas, não me lembrar do episódio quando Davi, fugindo de Saul, levado à presença do rei Aquis, de Gate, e se faz de louco para conseguir escapar (1Sm 21.10-15).

Naquele episódio, Davi foi muito perspicaz. Em uma época em que você não conhecia os rostos dos reis pelas fotografias estampadas em TVs ou em suas redes sociais, as pessoas não tinham a mesma possibilidade de reconhecimento pela fisionomia que temos hoje. Davi soube tirar proveito disso. Portanto, quando observo uma situação semelhante diante de mim, é natural que essa referência bíblica venha à minha mente.

E é dessa forma que farei minhas referências: porque minha formação é cristã e porque, para mim, muitas das referências fundamentais de nossa história estão nas histórias bíblicas.

A Terra Prometida

No último domingo, 4 de outubro de 2026, ocorreram as eleições gerais no Brasil. Estavam em disputa os cargos de presidente da República, governador, senador, deputado federal e deputado estadual ou distrital.

Para o cargo mais alto do nosso país, a Presidência da República, os dois candidatos mais votados foram Flávio Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva. São candidatos cujas trajetórias são, para dizer o mínimo, controversas. Ambos são conhecidos até mesmo dentro de seus respectivos espectros políticos não necessariamente como os melhores representantes de seus lados, mas como figuras extremamente populares e carismáticas.

Lula carrega consigo uma trajetória política de décadas e um legado profundamente arraigado em sua base eleitoral. Flávio Bolsonaro, por sua vez, carrega o sobrenome de seu pai, Jair Bolsonaro, que venceu a eleição presidencial de 2018 vindo do chamado baixo clero da política e chegando à Presidência por meio de uma campanha que rompeu com diversos padrões tradicionais.

Ao longo de suas trajetórias políticas, ambos estiveram envolvidos em controvérsias e escândalos que não são desconhecidos nem mesmo por pessoas pertencentes aos seus próprios espectros políticos. Mas o que se percebeu nesta eleição, diante do percentual e da quantidade expressiva de votos recebidos pelos dois candidatos, é que uma parcela significativa da população votou movida pelo medo: medo de que um ganhasse e medo de que o outro ganhasse. E, com minhas referências bíblicas, não posso deixar de notar que essa situação guarda alguma semelhança com uma narrativa que encontramos no livro de Números.

Depois de libertar o povo do Egito, Deus conduz Israel pelo deserto rumo à Terra Prometida. Quando o povo se aproxima da terra que Deus havia prometido a Abraão, Isaque e Jacó, Moisés envia doze homens para espiar a terra: um representante de cada uma das doze tribos de Israel (Nm 13.1-20). Os espias percorrem a terra e retornam dizendo que a terra era exatamente como Deus havia prometido. Era uma terra boa, que "mana leite e mel" (Nm 13.27). Os cachos de uva eram tão grandes e pesados que foram necessários dois homens para carregá-los sobre uma vara. A terra era, de fato, tudo aquilo que o Senhor havia prometido (ou seja, Deus não os havia enganado).

Mas havia também outra realidade: naquela terra habitavam povos fortes, cidades fortificadas e homens de grande estatura e essa constatação, aos olhos de 10 dos 12 espias, tornava impossível a conquista a ponto de persuadir o povo. Perceba como a narrativa bíblica descreve a situação:

[os 10 espias] "disseram: — Não podemos atacar aquele povo; é mais forte do que nós. [32]Eles espalharam entre os israelitas um relatório negativo acerca da terra que haviam espiado. Disseram: — A terra que percorremos para espiar devora os que nela vivem. Todos os que vimos são de grande estatura."[2]

(...)

"Naquela noite, toda a comunidade começou a chorar em alta voz".[3]

Josué e Calebe foram os únicos espias que tiveram coragem de dizer ao povo que os gigantes não deveriam ser motivo de desespero, porque o mesmo Deus que havia prometido entregar aquela terra a Israel também seria capaz de conceder-lhes a vitória. Mas o povo não ouviu Josué e Calebe (chegaram a querer apedrejá-los por sugerir um avanço). O povo ouviu os outros dez espias[4].

E então a história segue como todos conhecemos: Israel retorna ao deserto. Por causa da incredulidade daquela geração, Deus determina que aquela geração não entraria na terra. Somente a geração seguinte, com exceção de Josué e Calebe, haveria de atravessar o Jordão e tomar posse da promessa (Nm 14.26-35).

O Brasil diante dos espias

Voltando ao paralelo com nossa situação, havia, além dos dois candidatos que chegaram ao segundo turno, outros candidatos apresentando caminhos possíveis para o país. Quero fazer uma menção especial a um deles: Renan Santos, do Partido Missão. Ele apresentou propostas, reuniu uma equipe e participou da construção de um projeto que procurava oferecer aos brasileiros um horizonte diferente, participou de sabatinas, debates e entrevistas. E como disse em uma de suas entrevistas: se candidatar para a presidência não é o mesmo que se candidatar para ser o CEO de uma empresa, pois, em suas palavras: *"liderar um país não é uma entrevista de emprego. Liderar um país é apontar o caminho de um povo como um todo. Meu objetivo não é obter um lucro, meu objetivo é obter um horizonte! São coisas diferentes, ambas muito nobres, mas elas têm naturezas diferentes.*[5]*"*

Numa certa analogia, mostrou que existia a possibilidade de conquistar uma espécie de "terra prometida": alcançar um futuro que, durante muito tempo, foi anunciado como possibilidade para o Brasil — um país mais próspero, seguro, livre e desenvolvido.

Mas a população, em grande medida, preferiu acreditar nos dez espias, representados por influenciadores digitais, personalidades do empresariado (ligados ou não a campanha de Lula ou Flávio Bolsonaro) que começaram, de forma massiva a propagar a ideia de "voto

---

[2] Números 13.31-33

[3] Números 14.1

[4] "[6]Josué, filho de Num, e Calebe, filho de Jefoné, os quais estavam entre os que haviam espiado a terra, rasgaram as suas vestes [7]e disseram a toda a comunidade dos israelitas: — A terra que percorremos para espiar é excelente. [8]Se o Senhor se agradar de nós, ele nos fará entrar nessa terra, onde fluem leite e mel, e a dará a nós. [9]Apenas não se rebelem contra o Senhor nem tenham medo do povo da terra, porque nós os devoraremos como se fossem pão. A proteção deles se foi, mas o Senhor está conosco. Não tenham medo deles![10] Mesmo assim, a comunidade toda falou em apedrejá-los (...)" Números 14:6-10a | NVI

[5] Vídeo no Youtube: "A sabatina presidencial MAIS IMPORTANTE para os empresários brasileiros | Eleições 2026" (minutagem: 2:07:48 a 2:08:06)

útil" num primeiro turno que acabou por não se concretizar (pois o pleito ainda necessitou de um segundo turno, mostrando que nenhum candidato, por mais forte que fosse, teria condição de ganhar no primeiro turno).

A população preferiu acreditar que não era possível construir esse futuro agora. Preferiu a lógica de que, para derrotar o candidato A, era necessário votar no candidato B; e, para derrotar o candidato B, era necessário votar no candidato A. As propostas de campanha deixaram de ser o centro da escolha (o medo passou a ser).

E aqui está o ponto que considero fundamental: os dez espias não disseram que a Terra Prometida era ruim. Eles disseram que era impossível conquistá-la. A terra continuava sendo boa, a promessa continuava existindo e o problema estava na incredulidade e no medo daqueles que deveriam avançar.

De volta ao deserto

O final da história de Israel guarda uma semelhança com aquilo que temo que possa acontecer conosco: A volta ao deserto!

Não porque a Terra Prometida tenha deixado de existir, mas porque nós perdemos a coragem de caminhar em sua direção. Grande parte daqueles que votaram em Lula ou em Flávio Bolsonaro votou de maneira defensiva: para impedir que o outro chegasse ao poder. E isso ficou particularmente evidente na própria dinâmica da campanha. No primeiro turno, pela primeira vez em 20 anos, os dois principais candidatos terminaram a disputa sem participar de um debate televisionado[6].

A mensagem implícita parecia ser: "Pessoal, nenhum projeto de país vai prevalecer se o outro candidato chegar ao poder. Vote em mim. Por ora, não importa um projeto de nação."

O limite do paradigma

Como falei no início, a situação é paradigmática em relação ao tempo em que vivemos. Mas não quero espiritualizar essa história para além do que a própria narrativa bíblica permite. Tenho responsabilidade suficiente para não ultrapassar os limites teológicos que o texto bíblico estabelece. E é justamente aqui que preciso fazer uma distinção importante.

Como cristão, não posso negar que, além dessas comparações pontuais com as histórias bíblicas, existe algo profundamente recorrente na experiência humana. A história parece repetir certos padrões: Um povo diante de uma promessa => Um obstáculo diante da promessa => Alguns enxergam o obstáculo, outros enxergam a promessa. E o povo precisa decidir em qual relato acreditará.

No caso de Israel, um povo desesperançoso diante da Terra Prometida preferiu ouvir o relato dos dez espias, que concentraram sua atenção nos gigantes e nas dificuldades da conquista, em vez de confiar na promessa do Deus que os havia libertado do Egito.

No Brasil, guardadas todas as proporções, uma parcela da população preferiu votar movida pelo medo de que o candidato A ganhasse e, por isso, escolheu o candidato B. Outra

---

[6] "Pela 1ª vez em 20 anos, 1º turno terminará sem confronto de líderes de pesquisas em debate" – Matéria da Folha de São Paulo de 1º de out. 2026 (https://www1.folha.uol.com.br/poder/2026/10/pela-1a-vez-em-20-anos-1o-turno-terminara-sem-confronto-de-lideres-de-pesquisas-em-debate.shtml)

parcela fez exatamente o contrário. O medo de um tornou-se a razão para votar no outro. E assim seguimos.

Mas é aqui que o paradigma termina. Porque existe uma diferença fundamental entre a Terra Prometida de Israel e qualquer projeto político brasileiro.

A verdadeira Terra Prometida

Se, em sentido paradigmático, posso traçar uma relação entre Josué e Calebe e aqueles que, em meio ao medo, ainda conseguem enxergar uma possibilidade de futuro, teologicamente preciso ir além dessa comparação. Porque, no fim das contas, Josué aponta para algo maior do que um projeto político.

Teologicamente, Josué é um tipo de Cristo. A própria Escritura nos permite perceber uma relação tipológica particularmente significativa entre Josué e Jesus. O nome "Josué" e o nome "Jesus" têm a mesma raiz hebraica, relacionada à salvação. E o autor de Hebreus, ao falar da entrada de Israel na terra, chega a estabelecer uma distinção entre o descanso proporcionado por Josué (que depois de 40 anos liderou a nova geração de israelitas na conquista de Canaã) e o descanso definitivo que ainda permanece para o povo de Deus[7]. É Cristo Jesus quem nos representa como aquele que não retrocede diante das adversidades. É Cristo quem, "em tudo foi tentado, mas sem pecado"[8]. É Cristo quem realiza aquilo que nenhuma liderança política jamais será capaz de realizar.

Portanto, a Terra Prometida não é um Brasil melhor. A Terra Prometida é a presença de Deus, os novos céus e a nova terra, onde estaremos para sempre com Ele. E, nessa Terra Prometida, haverá espaço para lulistas, haverá espaço para bolsonaristas. Haverá espaço para aqueles que votaram em Renan Santos, Zema, Caiado e Augusto Cury. Haverá espaço para os que se abstiveram de votar ou para aqueles que votaram em branco ou nulo.

Por quê? Porque não entraremos lá por causa da nossa capacidade de escolher o candidato certo. Entraremos porque Cristo foi à nossa frente. Ele é o verdadeiro Josué, aquele que não se acovardou diante das adversidades, venceu onde nós fracassamos e nos conduz ao verdadeiro descanso. Foi preparar-nos um lugar, como ele mesmo disse:

> *"Na casa de meu Pai há muitas moradas. [...] vou preparar-vos lugar."*[9]

É aqui, portanto, que termino esta reflexão: fazendo uma comparação que é, ao mesmo tempo, paradigmática e teológica.

Podemos olhar para a política e discutir projetos, podemos escolher candidatos, defender ideias. Podemos até nos frustrar com o resultado das eleições. Mas precisamos lembrar que nenhuma eleição definirá a nossa verdadeira esperança, pois a nossa esperança não está em Brasília. Não está em Lula, em Bolsonaro. Não está em Renan Santos. E também não está em qualquer outro projeto político.

Entender essas duas realidades não me impede de ficar feliz por viver em um país onde, mesmo de forma minoritária, ainda existam (paradigmaticamente) "Josués e Calebes" por aí, crendo que podemos conquistar um futuro melhor almejando, mesmo em meio a dificuldades, em uma "terra prometida" (ou em um futuro glorioso). Talvez, se você não está

---

[7] "[8]Porque, se Josué lhes tivesse dado descanso, Deus não teria falado posteriormente a respeito de outro dia. [9]Assim, ainda resta um descanso sabático para o povo de Deus;" Hebreus 4:8,9 | NVI

[8] Hebreus 4.15

[9] João 14.2

tão familiarizado com a história bíblica, perca alguns pormenores da história que contei, mas, originalmente, o nome de Josué era Oséias (foi Moisés que o nomeou por Josué[10]) e esse nome significa “Salvação" ou "Libertação". Embora seja um nome bonito, ele expressa uma ideia ainda aberta: De onde vem essa salvação? Quem é o salvador? É o próprio homem ou uma força humana? Por isso, para ser mais preciso, na minha comparação com a história bíblica, fico feliz por viver em um mundo onde ainda existam “Oséias”, ou seja, uma salvação no sentido mais situacional. Mas sabe o que enche meu coração de esperança? É saber que meu “Josué” é Cristo, pois o significado no nome Josué é mais específico ao exprimir “O SENHOR é Salvação”. É Ele quem me redimiu, quando aceitei ser escravo (pelos meus próprios pecados). É Ele quem me conduz à Terra Prometida mesmo sendo eu um covarde. E é Ele quem me possibilita ter compaixão de quem ainda não assimilou Sua mensagem e é Ele quem me dará forças para atravessar o deserto, permanecer confiando na promessa e, décadas depois, poder dizer, como Calebe:

10 — Pois bem, o Senhor manteve-me vivo, como prometeu. Faz quarenta e cinco anos que ele disse isso a Moisés, quando Israel caminhava pelo deserto. Por isso, aqui estou hoje, com oitenta e cinco anos de idade! 11 Ainda estou tão forte como no dia em que Moisés me enviou [como espia]; tenho agora tanto vigor para ir à guerra como tinha naquela época.

Josué 14:10,11 | NVI

[10] Números 13.16

Apêndice

Se você, leitor, não está familiarizado com a leitura bíblica a partir de uma perspectiva reformada, talvez estranhe meus cuidados em não aplicar determinados conceitos teológicos a líderes atuais ou personalidades específicas. Antes de tudo, saiba que essa preocupação está profundamente arraigada na tradição histórica e reformada de interpretação das Escrituras.

Dentro da própria Igreja Presbiteriana do Brasil (da qual faço parte), há decisões conciliares que demonstram uma preocupação concreta com determinadas igrejas pentecostais e neopentecostais. No Manual Presbiteriano, por exemplo, existem recomendações (de 1990) de que membros ou adeptos das igrejas ou seitas chamadas pentecostais ou neopentecostais fossem encaminhados para catecumenato ou formação doutrinária antes de serem recebidos como membros. Em decisões posteriores, algumas denominações específicas foram classificadas como seitas, com determinações próprias quanto à recepção de seus membros.

Não quero, porém, transformar este apêndice em uma discussão sobre a classificação denominacional de cada igreja. O ponto que me interessa aqui é outro: a maneira como determinado tipo de pregação pode utilizar uma narrativa bíblica.

No Brasil, é possível encontrar mensagens sobre Números 13–14 nas quais Josué e Calebe são apresentados como modelos diretos para a vida individual do ouvinte. A aplicação pode assumir uma forma semelhante a esta: “Você precisa ser como Josué! Deus está levantando você! Amanhã, quando enfrentar um problema no emprego, seja corajoso como Josué!”

Não se trata, aqui, de uma citação literal de um sermão específico, mas de uma formulação que sintetiza um tipo recorrente de aplicação. Há, inclusive, mensagens publicadas na internet que dizem ao ouvinte para “ser como Josué e Calebe”, associando os “gigantes” da narrativa às dificuldades pessoais e transformando a conquista de Canaã em um paralelo espiritual direto para as conquistas da vida do cristão. Em uma dessas mensagens, por exemplo, afirma-se que os doze espias eram “pessoas escolhidas chamadas por Deus, assim como eu e você”, e que o ouvinte deveria enfrentar seus próprios “gigantes” pela fé.

Pois bem: não considero (na verdade, nenhum teólogo sério considera) essa a forma mais saudável de aplicar esse texto bíblico.

Uma coisa é ler uma narrativa bíblica e utilizá-la como paradigma. Outra coisa é transformar os personagens da narrativa em papéis que o pregador e o ouvinte (de maneira “free style”) simplesmente deve assumir.

Josué não é apenas “o sujeito corajoso”. Calebe não é apenas “a pessoa que toma posse da promessa”. Os dez espias não são simplesmente “as pessoas negativas” que encontramos em nossa vida”. Eles são personagens históricos reais inseridos na história da redenção.

Por isso, a Bíblia deve ser lida como um todo. Um dos princípios fundamentais da boa hermenêutica cristã é reconhecer que a própria Escritura interpreta a Escritura. É exatamente isso que encontramos em Hebreus 4: Ao falar da entrada de Israel na terra, o autor mostra que

o descanso proporcionado por Josué não era o descanso definitivo. A própria narrativa aponta para algo maior.

É por isso que, neste texto, procurei não terminar em Josué.

Posso utilizar Josué e Calebe como um paradigma para pensar sobre coragem, medo, esperança e incredulidade. Mas, quando passo da aplicação paradigmática para a afirmação teológica, preciso seguir o caminho indicado pela própria Escritura. Caso contrário, a hermenêutica bíblica para ser antropocêntrica e individualizante.

A pergunta, portanto, não deve ser apenas: “Qual personagem bíblico eu devo ser?” A pergunta mais importante é: “O que esta passagem revela sobre Deus, sobre sua obra e sobre a história da redenção da qual Cristo é o centro?”

Essa é a diferença entre transformar a Bíblia em um repertório de personagens para ilustrar nossas próprias ideias e permitir que a própria Bíblia conduza nossa leitura até Cristo.

Uma coisa é ler uma história bíblica e utilizá-la como exemplo. Outra coisa é fazer uma afirmação teológica a respeito do texto. Quando confundimos essas duas coisas, corremos o risco de “esvaziar” (e, em alguns casos, negar) a Escritura. Em vez de extrair do texto sagrado aquilo que é útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, a fim de que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra, usamos a Escritura como pretexto para lançar mão de frases que simplesmente ilustram aquilo que já queríamos dizer, conferindo às nossas próprias ideias um ar de maior credibilidade — afinal, “está na Palavra de Deus”, não é mesmo?

Mas esse é assunto para outro artigo...